

---

# ARTIGOS

## DE

# OPINIÃO/ATUALIZAÇÃO

- \* É Possível uma Visão Holística do Desenvolvimento da Criança?
- \* Las Computadoras y la Reversa Generacional
- \* Violação e Violência Resgatando a Violação como Fato Cultural
- \* Desenvolvimento Aspectos Cognitivos e Afetivos
- \* Deficiência Congênita e Autismo Secundário: Um Risco Psicológico

**1****É POSSÍVEL UMA VISÃO HOLÍSTICA  
NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA?***Elizabeth Tunes<sup>1</sup>***RESUMO**

TUNES, E. É Possível uma Visão Holística do Desenvolvimento da Criança? *Rev. Bras. Cres. Des. Hum. 11(2)*: São Paulo, 1992.

O presente trabalho traz uma reflexão sobre a abordagem holística do desenvolvimento da criança. Procura indicar caminhos teóricos e metodológicos para a concretização desse enfoque.

Discute as várias posturas teóricas existentes no que se refere aos aspectos biológicos e psicológicos do desenvolvimento. Levanta variáveis que interferem nesse processo, como: evolução do homem, hereditariedade e contexto sócio-cultural.

A autora destaca a importância da atividade como expressão cultural, na definição de perfis típicos de desenvolvimento psicológico e biológico.

Destaca ainda a necessidade de se buscar definir indicadores de desenvolvimento que dêem conta de uma abordagem teórica integral.

**DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO:  
DUALISMO OU PARALELISMO**

A noção de que o fenômeno do desenvolvimento humano dá-se de forma holística não é original e nem recente. Já entre os gregos ela aparecia e, até os nossos dias, tem sido uma preocupação constante dos estudiosos. É preciso, entretanto, esclarecer que uma coisa é acreditar e enunciar que o desenvolvimento humano processa-se de modo holístico, outra é descobrir os caminhos teóricos e metodológicos que permitem demonstrar tal enunciado e, por consequência, estudar o fenômeno holisticamente.

De um modo geral, podemos dizer que, junto a esta preocupação em se ter uma visão

holística, o saber humano vem se caracterizando por uma especialização crescente. Esta especialização, vale lembrar, é uma das marcas da civilização (Willadino\*, comunicação pessoal, 1992). Entretanto, a visão holística, como ideal a ser alcançado e a especialização, como resultado do processo de civilização guardam entre si uma contradição. Na tentativa de superar esta contradição, desenvolve-se, subjacente ao crescimento da especialização, a idéia de que a análise e, portanto, o conhecimento das partes, somados, permitem a apreensão do todo. Isto está bem ilustrado na história da Psicologia, da qual extrairemos apenas alguns momentos a título de exemplificação.

De um modo geral, os estudiosos da Psicologia têm tratado o fenômeno do desenvol-

<sup>1</sup> Psicóloga e professora adjunta do Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília - Cx. Postal 04620 - Brasília-DF CEP 70919.

\* Agradeço ao Professor de História Gildo Willadino e à Psicopedagoga Lucia Willadino Braga, do Hospital Sarah, pelas informações importantes que me forneceram por ocasião da feitura do texto.

vimento do psiquismo humano de um modo dicotômico. Conforme nos mostra El'Konin (1972), as teorias assentam-se na idéia de que há, por assim dizer, um divórcio entre a esfera do desenvolvimento intelectual e a esfera do desenvolvimento dos aspectos dinâmicos, afetivos, da personalidade. Assim, por exemplo, Piaget e os neopiagetanos, segundo El'Konin (1972), Ira tam do desenvolvimento da dimensão cognitiva e Freud e os neofreudianos, da dimensão dinâmica e afetiva. Resulta disto uma visão fragmentária do psiquismo humano, dualista, que comporta a idéia de que o desenvolvimento deste segue duas linhas básicas e paralelas: a linha do desenvolvimento dos processos intelectuais-cognitivos e aquela do desenvolvimento dos processos afetivo-motivacionais. Ou seja, é como se disséssemos que, no desenvolvimento do psiquismo, desenvolvem-se, na criança, dois sistemas desarticulados entre si, a saber: o sistema das relações “criança-coisas/objetos” e o sistema das relações “criança-outras pessoas”.

A superação deste dualismo e deste paralelismo psicológico, entretanto, não se mostra um empreendimento fácil. Mas, hoje, a partir dos trabalhos científicos de Vygotsky (1962; 1984), já sabemos que tal superação comporta a idéia de que as duas esferas do psiquismo humano - a intelectual e a afetiva - desenvolvem-se dialeticamente orientadas entre si. Isto é, uma influi na outra e vice-versa, de tal modo que, ambas são, ao mesmo tempo, causa e efeito uma da outra. Isto significa dizer que há entre a dimensão afetiva e a intelectual uma união dialética, elas funcionam juntas, unidas, como uma coisa só, uma unidade dialética.

Entretanto, não basta também apenas enunciar que a solução para a superação do impasse posto pela visão dualista e paralelista encontra-se na concepção dialética do psiquismo humano. É preciso descobrir, teórica e metodologicamente, qual é a unidade mínima que vamos analisar e que guarda em si mesma

a união dialética entre afeto e intelecto. Analogamente, isto é o mesmo que perguntar qual é a “molécula” do psiquismo humano. É esta a questão, a tarefa fundamental que deverá ocupar, por um bom tempo, os estudiosos da Psicologia: descobrir a “molécula” da mente humana. Alguma coisa já tem sido feita nesta direção e muito ainda há por ser feito.

Foge aos nossos propósitos, neste momento, discorrer sobre o modo como a Psicologia vem trabalhando para descobrir a sua “molécula”. Apenas quisemos, com os nossos exemplos, mostrar qual é a envergadura teórica e metodológica da busca de se concretizar, cientificamente, uma visão holística acerca do desenvolvimento do psiquismo humano.

Se enorme é esta tarefa no âmbito específico de uma área do saber, podemos começar a imaginar o seu porte quando queremos executá-la na interface de dois saberes. Falar de um modo holístico sobre o desenvolvimento do homem ou, particularizando, da criança, não é, de maneira alguma, uma tarefa simples. Trago aqui, apenas, algumas reflexões iniciais sobre a questão, sem a menor pretensão e com a consciência de que estamos ainda longe da solução.

Se na Psicologia a tarefa é superar o impasse criado pelo dualismo afeto-intelecto, na interface desta ciência com a Biologia, a tarefa, ainda maior, é resolver o dilema do dualismo mente-corpo.

Vamos admitir que, no desenvolvimento da criança, estão envolvidas tanto a sua dimensão biológica (somático), quanto a psíquica (mental). Uma idéia bastante conhecida e difundida sobre a relação entre o biológico e o psicológico é a que admite que estes são dois processos independentes, que ocorrem simultaneamente, porém, sem interferência mútua. Ou seja, segundo esta visão, no desenvolvimento de uma pessoa não há interação entre os aspectos biológicos e psicológicos; os dois processos correm em paralelo; daí, essa posição poder ser chamada de PARALELISMO BIOPSIOLÓGICO.

O paralelismo biopsicológico, apesar de muito difundido em nossas práticas, tem sido cada vez mais questionado. Afinal de contas, na prática, quem já não viu a influência do psicológico sobre o biológico como, por exemplo, naqueles casos em que uma situação de profunda tristeza causa uma grande debilidade física num organismo? O avanço das pesquisas sobre as doenças psicossomáticas não deixa dúvida de que há alguma relação entre o biológico e o psicológico no desenvolvimento de um ser humano.

Rompendo com a visão do paralelismo biopsicológico, surgem idéias que poderíamos agrupar sob o rótulo de INTERACIONISMO BIOPSICOLÓGICO ou PSICOBIOLOGICO UNIDIRECIONAL. Neste grupo, inclui-se tanto a noção de que o desenvolvimento biológico antecede e oportuniza o desenvolvimento psicológico, quanto aquela que admite o contrário. A primeira idéia - a de que o biológico antecede e oportuniza o psicológico - é bastante difundida entre nós e é ilustrada na seguinte afirmação: é preciso que o cérebro se desenvolva para que certas funções psíquicas apareçam. A segunda noção, também relativamente comum nos nossos dias, admite que os acontecimentos de ordem psíquica são capazes de produzir alterações somáticas de tal ordem e com tal vigor que requerem, antes de tudo e, às vezes, até exclusivamente, o tratamento psicoterápico.

Nem o paralelismo, nem o interacionismo biopsicológico unidirecional, entretanto, permitiram-nos alcançar a visão holística do desenvolvimento do homem ou, em particular, da criança, na medida em que, conforme já dissemos, ambos assentam-se, aprioristicamente, na idéia de que os conhecimentos fragmentariamente obtidos na Biologia e na Psicologia acerca do desenvolvimento humano, somados, dariam-nos uma visão global. Mas isto não tem acontecido. Sentimos cada vez mais a necessidade de integração dessas duas áreas de saber, mas também sentimos que a mera sobreposição

ou adição dos conhecimentos de uma e outra área não se mostra suficiente para dar conta do homem na sua totalidade. O que precisamos é de uma nova abordagem.

## **DESENVOLVIMENTO COMO UNIDADE DIALÉTICA**

A abordagem holística ao desenvolvimento do homem parece, assim, requerer uma nova visão acerca da relação que guardam entre si os processos biológicos e psicológicos. Como podemos superar, na interface destes fenômenos, a visão dualista e paralelista? Vamos admitir, para começar, que eles sejam processos que têm a sua própria identidade - isto é, cada um é um processo peculiar, com suas próprias características - mas que guardam entre si uma relação dialética. Ou seja, eles influem um no outro de tal modo que ambos são, ao mesmo tempo, causa e efeito um do outro; eles formam uma unidade dialética.

Admitir esta posição implica negar, imediatamente, o paralelismo e o interacionismo biopsicológico. O psicológico passa a ser visto na sua união com o orgânico: um fenômeno psíquico não existe por si só; ele é sempre e apenas o momento necessário de um processo psicofisiológico complexo. É como se não houvessem dois objetos distintos de investigação - o corpo e a mente - mas um único objeto, a saber, o corpo pensante. O biológico e o psicológico são vistos, assim, como interpenetrantes e, portanto, formam uma unidade que, se repartida, não mais contém as propriedades do todo.

Mas a nossa árdua tarefa apenas começou. É preciso, agora, encontrar o ponto de união entre o biológico e o psicológico no desenvolvimento da criança. É preciso descobrir a "molécula" que caracteriza essa substância a que chamamos de desenvolvimento da criança, isto é, a unidade mínima que contém as propriedades do fenômeno na sua totalidade. Ou,

em outras palavras, precisamos descobrir o que une ou através do que é unido o biológico e o psicológico no desenvolvimento humano.

A resposta a esta questão não é fácil e nos transporta para lugares polêmicos da teoria da evolução. Se o biológico não “causa” o psicológico (e também não o vice-versa), então, como explicar a evolução do homem na terra? Segundo a teoria da evolução, “todos os organismos vivos da Terra possuem uma origem comum e (...), portanto, todos são descendentes de um, ou alguns poucos ancestrais. Essa unicidade remotíssima da origem da vida é demonstrada pela universalidade do código genético e pela existência de uma bioquímica comum dos processos fundamentais. (...) O mecanismo da evolução (...) implica a necessidade de diversidade (*i.e.*, mutações) para que opere a seleção. Não é possível evolução sem diversidade. (...) Mas em que nível opera a seleção, ao nível dos indivíduos ou do grupo?” (Ferreira, 1990, p. 84).

Sobre esta questão divergiram os co-partícipes da teoria da evolução Darwin, Wallace e Bates, no momento mesmo da proposição da teoria. Conforme nos diz Ferreira (1990), “esta discussão continua hoje, e retém uma grande importância. Se a seleção opera ao nível de cada indivíduo, então a luta pela existência assume características sobre as quais não poderemos pôr um limite. A hipótese de que a seleção natural está centrada no indivíduo é crucial para as teorias dos sócio-biólogos modernos, além da suposição de que é válido aplicar, sem modificação, seu modelo de evolução animal também para o *Homo sapiens*” (p. 85).

Wallace e Bates assumiam um ponto de vista oposto a esse. Para eles, “além do mecanismo hereditário com seus programas para garantir a auto-replicação, no *Homo sapiens* informações também são transmitidas através das gerações pela existência de um cérebro altamente desenvolvido. Através das funções cerebrais é possível receber, analisar e passar

adiante informações sobre o meio ambiente - no sentido mais amplo - às futuras gerações” (Ferreira, 1990, p. 85). Ou seja, o homem dispõe de um mecanismo extra-somático ou extra-hereditário - o aprendizado, a tradição e a comunicação - para influenciar ou mesmo eliminar a ação da seleção natural e que é, inclusive, mais rápido do que o sistema genético dos cromossomos. Ou ainda, se o preferirmos, podemos dizer que o homem possui dois sistemas de herança: um somático e outro social.

Se Wallace e Bates, dois pioneiros da teoria da evolução, estiverem certos, eles falam a favor de uma visão holística do desenvolvimento humano, a qual admite a união do biológico com o psicológico. Wallace chegava mesmo a acreditar que o cérebro humano não podia ser o resultado da seleção natural, pois esta “só poderia ter dotado o homem selvagem de um cérebro alguns graus acima de um macaco quando de fato ele possuía um cérebro muito pouco ou nada inferior ao de um filósofo” (in Ferreira, 1990, p. 86). Se assim o for, somos forçados a admitir que a união dialética entre o biológico e o psicológico, no homem, dá-se na sua atividade cultural, historicamente construída nas suas condições sociais de vida, isto é, nas condições concretas de vida do homem, nas quais é construído e acionado o mecanismo da “herança” social, que é diferente da herança natural.

## CONTEÚDOS CULTURAIS DO DESENVOLVIMENTO

Mas é preciso dizer o que vem a ser atividade. Por atividade entendemos um sistema que orienta o indivíduo no mundo dos objetos e das pessoas. É a unidade da vida que é mediada pela reflexão mental (Leontiev, 1988). É na atividade que estão unidos, de modo indissociável, o biológico e o psicológico. É na atividade que podemos buscar os modos tipicamente humanos de desenvolvimento. Al-

gumas atividades podem favorecer, de modo mais intenso, o aspecto biológico do desenvolvimento humano; outras, o psicológico. Mas, em qualquer atividade são desencadeadas ou envolvidas de maneira indissociável e em algum grau, as dimensões biológicas e psicológicas do desenvolvimento humano\*. Assim sendo, tudo que ocorre na vida de uma pessoa é fator de desenvolvimento: suas condições concretas de vida determinam os modos pelos quais suas atividades são realizadas; por conseguinte, estas condições concretas influem nas dimensões biológica e psicológica de seu desenvolvimento. É, portanto, na análise dos tipos de atividades e dos modos pelos quais são executadas pelo indivíduo que iremos encontrar os indicadores do seu desenvolvimento.

Dentro desta ética diríamos, por exemplo, que o cérebro humano só é funcionalmente forjado no seio de uma cultura. A natureza não seria vista, então, como oposta, independente ou anterior à cultura: o homem é visto como uma espécie cultural. Esta afirmação implica reconhecer que a organização biológica do ser humano, fruto de um processo de evolução do qual a cultura e, portanto, a sua atividade social, historicamente construída, é parte inseparável da sua psicologia: “uma psicologia que envolve, por exemplo, uma organização cerebral própria para a aquisição da linguagem verbal, que será especificada, concretizada, através de experiências para as quais também é biologicamente organizado; que envolve uma organização para relações sócio-afetivas de certos tipos, cujos alvos e conteúdos são especificados pelas experiências particularmente humanas; a psicologia de uma espécie cuja adaptação envolve o pertencer a um meio sócio-cultural, em decorrência das características próprias de seu processo de evolução, do qual esse meio é simultaneamente pro-

duto e instrumento’ (Carvalho, 1989). Assim, vemos que, ao unir o biológico e o psicológico, transcendemos os limites próprios dessas áreas do saber humano e atingimos uma *antropologia*.

### **IMPLICAÇÕES PARA O ACOMPANHAMENTO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

As implicações desta visão para o acompanhamento do desenvolvimento da criança não são nada desprezíveis. Esta visão comporta reorientações e, talvez, reformulações radicais da nossa prática. Como consequência da visão holística aqui exposta, crescimento e desenvolvimento devem ser vistos como processos dialeticamente interatuantes. Significa isto que, tomadas as medidas, isoladamente, de um e de outro, estamos vendo como paralelos ou, no máximo, como interagindo unidirecionalmente, o biológico e o psicológico. Assim, para ser logicamente coerente com uma tal visão holística do desenvolvimento da criança, seria necessário que discutíssemos, repensássemos e reformulássemos os indicadores de seu desenvolvimento. Precisaríamos caminhar na direção de definir indicadores que dessem conta da influência mútua que os processos biológicos e psicológicos guardam entre si. Não quero dizer com isto que devemos abandonar os indicadores biológicos ou os psicológicos; o que quero frisar é que precisamos de indicadores que dêem conta destas duas dimensões, isto é, que dêem conta da sua união.

Podemos dizer que o próprio conceito de *pathos* ou de patologia deveria ser culturalmente contextualizado. Por exemplo, hoje, considera-se, em alguns casos, como indicador de patologia, o fato de uma criança não fazer o

\* Vale lembrar que estudiosos admitem que “a posição bípede ereta precedeu e até certo ponto condicionou o aparecimento do cérebro humano” (Ferreira, 1990, p. 863. Vê-se, assim, a influência da atividade humana sobre o seu próprio organismo.

controle dos esfíncteres. Sabemos que, no período paleolítico, o homem era nômade, não tinha habitação e nem vestuário propriamente dito. Não há registro de que, nesse período, o homem fizesse o controle esfíncteriano. Já no neolítico, aparece a agricultura, o homem torna-se mais sedentário, desenvolve a cerâmica, a habitação e passa a ter um vestuário organizado conforme a cultura e o clima. A habitação, naquele momento, servia também para a guarda das sementes que iriam usar no próximo plantio. As famílias eram grandes e todos os seus membros habitavam uma mesma casa. A organização social e o trabalho definiram, assim, a necessidade do controle esfíncteriano. Ou seja, o controle dos esfíncteres parece ter

surgido muito mais em decorrência de uma necessidade cultural do que de uma imposição biológica (Willadino, comunicação pessoal, 1992). Se isto é verdade, podemos dizer que a evolução de uma cultura, e não de uma biologia apenas, definiu o que, hoje, considera-se, em alguns casos, um indicador de patologia. Para entender a patologia que este fato indica é, então, preciso conhecer quando e em que circunstâncias sócio-culturais impôs-se a necessidade de controle dos esfíncteres. Ou seja, a solução para o nosso dilema sobre a unidade dialética entre o biológico e o psicológico, se me dão licença para uma brincadeira, encontra-se na resposta à questão: quando e por que o homem deixou de fazer xixi nas calças?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARVALHO, A. M. A. O lugar do biológico na psicologia: o ponto de vista da etologia. *Biotemas*, 2(2), 81-92, 1989.
2. EL' KONIN, D. B. Toward the problem of stages in the mental development of the child. *Soviet Psychology*, 225-251. Spring, 1972.
3. FERREIRA, R. Bates, Darwin, Wallace e a Teoria da Evolução. Brasília/ São Paulo, Editora UnB-EDUSP, 1990.
4. LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria da psique infantil. Em VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo, Icone/EDUSP, 1988.
5. VYGOTSKY, L. S. *Thought and Language*. New York, MIT Press, 1962.
6. \_\_\_\_\_, *Formação Social da Mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.